

Um interessante
episódio da história do

IMPÉRIO PORTUGUÊS

contado pelo seu protagonista,
o sr. João Pereira de Matos

(Continuação)

Nesta Senzala de Quimoquembo, apresentou-se o soba com todo o seu estado maior, todos muito desconfiados, por presumirem que viria tropa na rectaguarda dos recémchegados. Esforçou-se João Pereira de Matos a explicar-lhes que era de paz a sua missão através daquele sertão com destino aos reis de Nambuanguo e Minguengo, mas, a-pesar-de tôdas essas explicações, que a comitiva reforçava, manteve-se, durante algumas horas, a desconfiança do gentio.

Era, porém, extrema a fadiga da embaixada, e, por isso, João Pereira de Matos pediu ao soba que lhe destinasse palhota em que pernoitasse. Tendo-lhes sido preparada a melhor que havia na terra, êle — embora fossem apenas 4 horas da tarde — deitou-se logo sobre uma esteira no chão, e, não obstante terem-lhe posto de guarda muito gentio armado, não sentiu susto algum e, pelo resto do dia e tôda a noite dum sono pesado, o que não foi de admirar, ao cabo de três dias de marcha, em que tinham sido percorridos 120 quilómetros, por minhos ásperos e sob uma temperatura de abrasar.

Dia 13 — Pela manhã, levantou-se João Pereira de Matos muito bem disposto e logo começou, com tôda a comitiva, os preparativos para o seguimento da viagem. Quando estavam entregues a êsses cuidados, appareceu-lhe acompanhado dos notáveis da sua Corte, o soba Sibuti, no qual a noite certamente tinha desfeito ou diminuído a desconfiança, que «pediu e disse»:

— «Aqui tendes 12 galinhas que ofereço para o vosso almôço».

Recebido o presente, logo foi retribuído com alguns metros de ganga azul e paninho encarnado, tipo de fazenda próprio para embainhar as tangas e que êles muito apreciam.

Satisfeito com a dádiva, o soba Sibuti aconselhou-os a que, em tôdas as terras em que houvessem de passar, não avançassem sem mandarem o guia à frente, a pedir licença aos sobas, para que o povo se não assustasse. Pois as mulheres nunca tinham visto brancos.

Não foi, porém, necessário utilizar a recomendação, pois que — embora vivessem em estado selvagem — parecia que dispunham já da telegrafia sem fios, porquanto, tendo saído a embaixada de manhã cedo de Quimoquembo, sem que ninguém sonhasse com esta célebre viagem organizada de surpresa, e tendo chegado às 11 horas à banza de Quingonga, primeira povoação dos Dembos do Norte, foi recebida com tôdas as honras. Veiu ao encontro da embaixada todo o povo, com as autoridades e uma curiosa banda de música gen-

tilica; as mulheres beijavam-lhes as botas, porque, como já se disse, nunca tinham visto brancos; todos lhes pediam que se demorassem ali, para melhor os admirarem e os presentearam com muitos porcos, cabras, galinhas etc., que êles eram obrigados a aceitar, — porque o contrário seria tomado por desconsideração — mas que tinham de abandonar quando se distanciavam da povoação, porque as condições em que a viagem era feita não permitiam o transporte dos animais.

Nêsse dia, passaram por algumas povoações de menos importância, sempre recebidos com manifestações idênticas à primeira e, à noite, chegaram à importante povoação de Quissacala, onde existem grandes roças de café e muitos outros produtos.

Aqui novamente surgiram para a embaixada motivos de receio, pois o respectivo soba os reteve, dizendo que precisava de mandar pedir licença ao Rei para o seguimento da viagem. Era caso para João Pereira de Matos e sua comitiva sentirem apreensões, mas a razão dada pelo soba de Quissacala não exprimia tôda a verdade, porque o verdadeiro motivo da detenção era o de dar tempo a que na capital dos Dembos, banza de São Paulo de Nambuanguo, se ultimasse a limpeza das ruas e palhotas para deixar boa impressão na embaixada, e se avisasse todo o povo para a recepção.

No dia 14, saíram, de madrugada, com destino à capital dos Dembos.

Passaram por muitas povoações, onde lhes foram feitas, também, ruidosas e amigáveis manifestações, com as já referidas ofertas de galinhas, cabras e porcos, os mesmos sinais de adoração das mulheres beijando-lhes as botas, etc.

Enfim, às 4 horas da tarde, chegaram a São Paulo de Nambuanguo.

Ai, a recepção constituiu uma verdadeira apoteose. Milhares de negros, avisados pelo soba, esperavam-nos a distância, acompanhados das suas autoridades. Todos êles queriam apertar a mão de João Pereira de Matos e dos seus companheiros, que, para não deixarem de satisfazer êsse desejo — o que seria tomado, pelo gentio, como grave desconsideração — tinham de dar apertos de mão com a direita e com a esquerda.

Findos os fatigantes cumprimentos, organizou-se o cortejo, com as entidades oficiais à frente, sendo os da embaixada levados em triunfo e entrando assim na capital dos Dembos, terra com cerca de duas mil palhotas, tôdas alinhadas em ruas muito amplas.

Ao cabo de cinco dias de viagem, tendo percorrido 200 quilómetros a pé, porque, como já se disse, a região não permitia a utilização de qualquer meio de transporte,

era de razão que todos se sentissem maçados e que se dispusessem com prazer a repousar na melhor palhota da povoação, que lhes fôra destinada pelo rei de Nambuanguo, como lhes foi explicado, num arrezado discurso, pelo Presidente da Câmara; que assim se denominava o negro que lhes falou.

Não foi empreza fácil entrar na palhota, cuja porta era mais pequena do que uma janela vulgar, mas, tendo entrado, pouco mais ou menos *de gatas*, entregaram-se nos braços de Morfeu.

Alguém os acordou, quando mal se cerrára a noite, do seu sono profundo.

Era, nem mais nem menos do que S. Ex.^a o Secretário Geral do Rei!

Nunca seus olhos haviam visto figura mais extravagante do que a dêsse negro que tinham na sua frente, fazendo cómicos salamaleques!

O vestuário consistia numa vistosa tanga e num par de botas com mais de meio metro de comprimento. O chapéu de palha, do tamanho da roda dum carro, tivera, o illustre visitante, de o deixar fora da palhota, porque, de outra forma, não conseguiria entrar.

Tendo-se trocado os primeiros cumprimentos com a seriedade imposta pelo protocolo e o rigor de etiqueta devido o tão alto funcionário palatino, começou o illustre preopinante o seu discurso apresentando-lhes, em nome do Rei seu amo, cumprimentos de «saúde, vindas e anos». Com certa surpresa dos visitados, o discurso prosseguiu em português relativamente correcto, pois que o Secretário Geral do Rei de Nambuanguo tinha servido como soldado numa unidade do nosso exército, onde aprendera a lê e escrever o português, tendo merecido, por isso, ao regressar ao sertão, a honra de ser nomeado para tão alto cargo.

No seu discurso, explicou que Sua Magestade pretendia saber os fins que os tinham trazido a tão longínquas paragens e, por isso, era necessário que o esclarecessem em exposição escrita que seria presente... nas Câmaras!

João Pereira de Matos, como chefe da embaixada, agradeceu e retribuiu — com uma seriedade que devia

ter-lhe custado a manter — tão penhorantes cumprimentos e logo foi feito o relatório escrito que lhes era pedido e em que se explicava que o objectivo que ali o havia trazido, era o de reabrir os caminhos do comércio regular, que, havia seis meses estavam fechados, o que dava origem a uma grave crise a todos prejudicial. Acrescentavam, no relatório, que, se necessário fôsse, para provar a pureza das suas intenções amigáveis, ali ficariam de refens, até que os negros fôsem ao litoral fazer as suas transacções e de lá voltassem com a certeza de que ninguém lhes queria fazer mal.

Recebido o relatório, retirou-se o alto dignitário da Côte de Nambuanguo, com o mesmo cerimonial de salamaleques da chegada.

Não tardou em chegar uma embaixada do Rei com três sacas de farinha de pau, três cabras e um porco para o almoço dos enviados do Maniputo.

João Pereira de Matos ainda pretendeu convencer os embaixadores de que, de muito boa vontade, trocaria a farinha, as cabras e o porco por um simples cabrito com que fizesse uma caldeirada, mas não houve forma de os convencer, pois até tomariam como grave desconsideração a insistência em tal desejo. Tiveram, pois, de aceitar, comer e calar.

Esta dádiva foi retribuída com um presente magnifico, a fazer recordar o de D. Manuel I ao Papa. O presente entregue à embaixada de Sua Magestade o Rei do Nambuanguo consistia em nada menos do que uma casaca de almirante, dois panos franjados de seda e duas latas das de petróleo cheias de aguardente!

Mais uma vez os portugueses souberam honrar as memórias gloriosas dum passado cheio de magnificências!

Os dias 15 a 21 foram de descanso para João Pereira de Matos e sua comitiva e duma febril actividade por parte do Governô de Sua Magestade na preparação da grande festa que se realizaria, no dia 22, em honra da embaixada do Ambriz, festa grandiosa a que assistiram mais de 200.000 negros e a que nos referiremos no próximo número.